

O VERBO “IR” NAS CONSTRUÇÕES EM USO

Milca Cerqueira Etinger Silva (UESB)

milcacerqueira@gmail.com

Valéria Viana Sousa (UESB)

valerianianasousa@gmail.com

RESUMO

Considerando que a gramática é um sistema aberto, constituído pela língua em uso, nossa pesquisa consiste em investigar construções em que o verbo “ir” se distancia do seu sentido prototípico, como em “Maria vai ter que pagar.”. Para tanto, analisamos a construção em estudo em dois corpora orais de Vitória da Conquista: português culto (PCVC) e português popular (PPVC), organizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo – CNPq. Na busca por um padrão de uso do verbo em análise, mapeamos as construções com o “ir” e descrevemos as motivações formais e funcionais envolvidas no uso das construções analisadas. Para isso, baseamo-nos na Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e na Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2016), considerando os aspectos formais, bem como as funções que desempenham nos diversos contextos de uso. Os resultados, ainda preliminares, nos mostram que há processos cognitivos envolvidos e motivações discursivo-pragmáticas implicadas no uso das construções com “ir”. O uso de tais construções, por exemplo, está relacionado a contextos discursivos específicos, como formalidade. Em algumas situações mais genéricas e menos específicas, a construção, que anteriormente era transparente e icônica, torna-se opaca de significado e menos transparente como em: *Não vou esperar, vai que ele não vem*. Dessa forma, podemos afirmar que a sintaxe de algumas construções é motivada por questões discursivas.

Palavras-chave:

Forma-função. Verbo “ir”. Construções em uso.

ABSTRACT

Considering that grammar is an open system, constituted by the language in use, our research consists of investigating constructions in which the verb to go is far from its prototypical meaning, as in Maria will have to pay. We analyzed the construction in two oral corpora of Vitória da Conquista: cultured Portuguese (PCVC) and popular Portuguese (PPVC), organized by the research group in Historical Linguistics and in (Sócio)Funcionalismo – CNPq. Looking for a pattern of use of the verb under analysis, we mapped the constructions with go and described the formal and functional motivations established in the use those constructions. For this, we rely on the Grammar of Constructions (GOLD-BERG, 1995; 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) and on Used Based Functional Linguistics (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2016), considering the formal and functions aspects and the perform in different contexts of use. The results, still preliminary, show us that there are cognitive processes involved and discursive-pragmatic motivations presents in the use of constructions with “ir”. The use of constructions, for example, is related to specific discursive contexts, such as formality. In some situations more generic and less specific,

the construction that was previously transparent and iconic, becomes opaque in meaning and less transparent. Thus, we can say that the syntax of some constructions is motivated by discursive issues.

Keywords:

Formal-function. Verb “ir”. Constructions in use

1. Introdução

Na visão da teoria da Linguística Funcional Centrada no Uso, em consonância com a Gramática de Construções e a Linguística Cognitiva, a língua é concebida por meio de processos de ordem cognitiva. Dessa forma, as construções são relacionadas por meio da categorização, processo pelo qual sintagmas estão associados às experiências de mundo e representações armazenadas na memória. As construções, então, estabelecidas socialmente, refletem aspectos psicológicos e socioculturais. A estrutura da língua, nesse sentido, é vista como um produto emergente de processos de domínio geral e, por isso, pode ser considerada um sistema adaptativo complexo (Cf. BYBEE, 2016).

Ao compreendermos a língua como um sistema emergente e complexo, nossa atenção é focada nos processos específicos da língua, bem como as motivações que conferem a ela um pareamento forma-função. Embora o fenômeno linguístico seja mutável, variável, servindo a diferentes funções, exibe uma aparente regularidade de padrão e os processos envolvidos são de domínio geral. Assim, esta pesquisa busca o padrão de uso das construções com verbo “ir” e as motivação formais e funcionais responsáveis pela emergenciadas construções com esse verbo.

A construção, estabelecida como uma unidade simbólica abstrata, pode ser totalmente especificadas (como expressões idiomáticas: *por aí vai*); parcialmente preenchidas (apenas alguns elementos são fixos e outros *slots* em aberto: *ir* + verbo) ou totalmente abertas (não especificadas: S V O). Nessa concepção, uma construção pode ser caracterizada – além dos fatores de natureza formal e funcional – por três propriedades: esquematicidade, produtividade e composicionalidade, que serão tratadas mais adiante.

Com a atenção voltada não apenas para a estrutura linguística, mas também para a função, esta pesquisa está dividida em 5 seções. Na seção 1, tratamos das propriedades da construção, que permitem compreender os processos responsáveis pela mudança do verbo “ir”; em 2, estabelecemos o procedimento metodológico. Na seção 3, discorreremos sobre

os resultados da análise, e, por fim, apresentamos as considerações finais, seguidas das referências.

2. Fundamentação teórica

Uma orientação recente de pesquisas relacionadas à Linguística Funcional tem sido a ênfase no pareamento forma-função que marca o uso linguístico. Essa tendência se dá em virtude da incorporação de pressupostos teórico-metodológicos da Gramática de Construções (Cf. GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001). Nesse modelo, a língua é conceituada como uma rede de construções interligadas, e essa construção, entendida como um pareamento forma-função, compreende um conjunto de elementos que a compõe. O polo da forma está relacionado às propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, enquanto a função envolve propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais (CROFT, 2001). A língua, na visão construcional, não é inata, deriva, então, de processos cognitivos gerais; o uso da língua determina a estrutura linguística (Cf. TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021 [2013]).

Nesse enquadramento teórico, o polo da forma relaciona-se com o da função na representatividade linguística. Assim, a construção é assumida como pareamento simbólico, unidade básica e convencional de forma e significado (Cf. GOLDBERG, 2006 [1995]).

A abordagem construcionista reconhece a gramática como uma estrutura holística, ou seja, nenhum nível da gramática é autônomo. Com esse pensamento, as propriedades da forma (fonológica, morfológica e sintática) e da função (semântica, pragmática e discursiva) operam conjuntamente. Nesse formato, a construção representa uma análise tanto sintática quanto semântica.

A divisão entre léxico e gramática deixa de existir no Funcionalismo e qualquer unidade linguística formal associada a um sentido é uma construção. De acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013]), o modelo construcional apresenta alguns pressupostos que são fundamentais.

O primeiro e que, ainda que certas propriedades da gramática, tais como rede, organização hierárquica e herança, possam ser universais e compartilhadas com outros sistemas cognitivos, a gramática em si, entendida como conhecimento de um sistema linguístico, é específica à língua, ou seja, está vinculada à estrutura de uma língua individual, como o inglês, árabe ou japonês. O segundo pressuposto é que a mudança é mudança no uso, e que o *locus* da mudança é o constructo, uma instância de uso. Ter-

ceiro, distinguimos mudança de inovação. Inovação, como característica de uma mente individual, é apenas um potencial para mudança. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013], p. 26)

Nesse sentido, interessa à teoria a mudança do signo e os padrões de uso e seus esquemas abstratos que licenciam os dados empíricos. Em nosso caso, o padrão que licencia as construções com “ir”. Ademais, são evidenciadas a natureza taxonômica da língua, a relação de herança hierárquica entre as construções consideradas mais gerais ou mais específicas.

Nesta seção, esboçamos o conceito de língua definido para a análise do nosso objeto em estudo; entendemos que a construção é a unidade básica da gramática, de acordo com o modelo teórico de Croft. Além disso, assimilamos que os níveis da gramática (semântica, morfossintaxe, fonologia, pragmática) atuam em conjunto, sem haver sobreposição entre elas. Visto isso, tratamos, brevemente, na subseção 1.1, das características da construção, a saber, esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

2.1. Características das construções

Uma atribuição relevante da perspectiva construcional são os fatores que envolvem o processo de construcionalização, tais como: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade diz respeito ao grau de generalização das propriedades formais e funcionais; a produtividade é um fenômeno gradiente relacionado à frequência e composicionalidade concerne à análise combinatória dos elementos.

2.2.1. Esquematicidade

Assumindo a existência de abstração, podemos concordar que usuários da língua, de forma inconsciente, seguem padrões rotinizados de outros enunciados da língua, atribuindo regras gerais para produzir construções. Essas construções podem ser mais esquemáticas e abstratas, e outras pouco ou mais ou menos esquemáticas. É por essa visão que a esquematicidade pode ser considerada um *continuum*, com níveis gerais ou específicos.

Ao discutir sobre a esquematicidade, é fundamental tratarmos das subpartes do sistema linguístico: esquemas e subesquemas. “Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, sejam linguísticas ou

não” (TRAUGOTT; TROUSADALE, 2021 [2013], p. 44). Os esquemas são estruturas simbólicas de construções relacionados diretamente à rede construcional. Por exemplo, temos um esquema representado por Sujeito + Verbo + Objeto. Este é um nível mais geral e abstrato que serve como modelo para criação de outras construções. Esse esquema convencionalizado sanciona seus subesquemas, que são casos mais específicos, como o uso de um verbo em particular. Em nossa pesquisa, acreditamos que o esquema [(S) + V + X], sanciona subesquemas, tais como [(S)+ V1_{ir} + V2_{inf}]. Assim, em um conjunto de esquemas na hierarquia construcional, o nível mais alto encontra-se o esquema mais geral. No nível médio, estão localizados os subesquemas e, no mais baixo, estão as microconstruções, que são instanciados no uso dos constructos, como: *Ele vai viajar*, que são as ocorrências empiricamente atestadas. Como já mencionado, no processo comunicativo, ao criar novas instanciações, o falante vale-se, de forma inconsciente, de esquemas já presentes na língua.

2.2.2. Produtividade

Assim como a esquematicidade, a produtividade da unidade linguística é gradiente, ou seja, ocorre em micropassos, e está relacionada à frequência de uso. Assim entende-se que, ao surgir novas construções, essas podem ser disseminadas pelo falante, aumentando a frequência de uso. Essa frequência, de acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013]), são de dois tipos: (i) frequência *Type*, que corresponde ao número de diferentes expressões pertencentes a um padrão; e (ii) frequência *Token*, que concerne ao número de vezes que a construção aparece em ocorrências.

Ao considerarmos nosso objeto em estudo, podemos exemplificar que o padrão [V + X] está se estendendo a um número cada vez maior de tipos, como: a) [(S) + V_{ir} + Prep + Loc]; b) [(S)+ V1_{ir} + V2_{inf}] e c) [V1_{Pres.Ind} + QUE], podendo ser representados respectivamente por *vai ao shopping*; *vai comprar* e *vai que chove*. Consideramos esses subesquemas como a frequência *Type*. Nesse aspecto, a frequência e a repetição são responsáveis pela rotinização e automatização de uma construção.

2.2.3. Composicionalidade

Nas palavras de Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 53), a composicionalidade diz respeito ao grau em que “o elo entre forma e sig-

nificado é transparente”. Nessa concepção, a composicionalidade pode ser distinguida de dois modos: (i) em termos de semântica, que diz respeito à compreensão da expressão em função do significado das partes ou do todo e (ii) e da sintática, que se refere às propriedades combinatórias do elemento sintático, isto é, o nível de integridade morfossintática entre as partes.

Nessa linha de intelecção, temos construções mais composicionais, como *Fátima vai ao mercado todos os dias*, em que o ouvinte compreende o significado de cada unidade, decodificando assim o sentido do todo. Por outro lado, as construções menos composicionais se destacam pelo alto grau de entrincheiramento. Não há compatibilidade entre a semântica dos elementos individuais e o significado do todo. Como exemplo, temos *por aí vai*, extraído da amostra do português popular de Vitória da Conquista: *Correto, ele aprende essa questão de... de valores, né? Ele dêxadevê... a... a... a relação de preço e passa a vê a relação de valô, né, entre as coisas. E por aí vai.* Essa construção sintaticamente integrada pode ser considerada menos composicional, uma vez que o sentido não é recuperado do todo.

A investigação desses três fatores (esquematicidade, produtividade e composicionalidade), segundo Rosário e Oliveira (2016), permitiu à Linguística Centrada no uso assumir, assim como propõe Traugott e Trousdale (2021 [2013]), que o processo de construcionalização envolve aumento de esquematicidade e produtividade e diminuição da composicionalidade.

Tratadas as propriedades da construção, abordaremos, brevemente, os procedimentos metodológicos utilizados para análise do fenômeno em estudo.

3. Procedimentos metodológicos

Nesta pesquisa, desenvolvemos um estudo explicativo-descritivo, de caráter sincrônico. Baseamo-nos na associação entre as metodologias qualitativa e quantitativa, entendidas como método misto quali-quantitativo proposto por Cunha Lacerda (2016). A união desses dois métodos contribui, do ponto de vista qualitativo, para a compreensão da motivação para emergência das construções. Sob o panorama quantitativo, é possível, por meio do levantamento das frequências *Token*, revelar padrões microconstrucionais. Ademais, o procedimento quantitativo dos dados dificulta desvios interpretativos de análise.

À vista disso, utilizamos o software desenvolvido por Laurence Anthony, AntConc. Essa ferramenta potencializa a exploração de dados, com técnicas de contagem de frequência e coocorrências. Utilizamos no programa textos autênticos, com linguagem natural. Esses textos correspondem a 48 entrevistas que constituem os *corpora* orais do Português Culto (PCVC) e Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC), organizados pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo/CNPq – Grupo Janus, nos anos de 2011 e 2015. Os *Corpora* foram resultado do Projeto de Pesquisa “Estudos de Fenômenos linguísticos na perspectiva sociofuncionalista a partir da descrição e análise do *Corpus* da comunidade de fala de Vitória da Conquista”, coordenado pela Prof^a Dr^a Valéria Viana Sousa.

Apesar de não ter sido desenvolvida uma proposta metodológica própria para a abordagem Funcional Centrada no Uso, o Método Misto é um instrumento que tem sido adotado e refletido na abordagem funcional, com objetivo de realizar uma análise mais apurada. Assim, determinado nosso procedimento metodológico, prosseguimos com análise e discussão dos dados.

4. Resultados e discussão

Nesta pesquisa, tratamos de dados empíricos, visto que buscamos identificara língua falada em contextos reais de comunicação. Dessa forma, extraímos 658 ocorrências dos *Corpora* orais do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC) e Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC). Apesar de nossas amostras serem extraídas de dois *corpora*, essa divisão não é considerável/relevante para a pesquisa visto que o aspecto extralinguístico escolaridade e faixa etária não são nosso ponto de interesse. Em relação ao tratamento das amostras, definimos o verbo “ir” no presente do indicativo como variável dependente em virtude da alta produtividade. Por conseguinte, apresentamos a Tabela 1 demonstrando a frequência *token* e a frequência *type* das microconstruções.

Tabela 1: Distribuição total da frequência *token* e da frequência *type* das construções do *Corpora*, constituído pelo Português Popular e Português Culto de Vitória da Conquista.

<i>Types</i>	<i>Tokens</i>	%
(S) + Vir + Vinf	443	67,32%
V1+ Pre+ Loc	102	15,50%
Pre + Loc + V1	14	2,13%
V1 + Loc	20	3,04%

V ₁ + Que	3	0,46%
V ₁ + DE	1	0,15%
6	658	

No geral, foram 658 amostras, sendo 443 perífrases (S) + Vir + V_{inf}; 102 dados em que o “ir” atua como lexical, acrescido de preposição (V1+ Pre+ Loc); 14 ocorrências da expressão cristalizada *por aí vai*; (Prep + Loc + V1); 20 expressões em que o verbo “ir” acompanha um locativo(V1 + Loc); 3 usos do operador hipotético (V₁ + Que) e 1 amostra do uso do *vai de* (V₁ + DE). A partir da visualização dessas frequências, buscamos um padrão que as instancia. Entendemos, então, que o verbo “ir” (V₁ + X) é um padrão produtivo esquemático, pois sanciona diferentes formas menos gerais, algumas mais convencionais do que outras.

Com uma visão mais holística da linguagem, buscamos, para efeitos de análise, identificar um padrão que sanciona outras construções com o “ir”, levando em conta as dimensões da linguagem, formuladas por Croft (2001): (i) formal e (ii) funcional. Assim, em busca de motivação para o uso das construções, no nível formal (i), descrevemos as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas. No nível funcional (ii), especificamos as propriedades semânticas. Assim sendo, na subseção 3.1, verificamos as características das propriedades formais e, na subseção 3.2, identificamos a propriedade semântica da construção “ir”.

3.1. Aspectos formais

É sabido que a construção é um pareamento entre forma e função. Nesse sentido, para identificar as propriedades formais das construções com “ir”, tratamos da fonologia, morfologia e sintaxe. Nesse ponto, realizamos a adjunção dos termos para morfossintaxe e fonético-fonológico, já que tais propriedades se relacionam entre si.

3.1.1. Processo fonético-fonológico

Diante das ocorrências, compreendemos que a construção “ir” pode ser identificada como item lexical pleno, unidade autônoma, com identidade fonológica e traço prosódico individual (01). Ao compor uma perífrase como verbo auxiliar (02) ou atuar como um operador textual (03), o verbo “ir” e o termo adjacente a ele parecem formar um único vocábulo. Vejamos a seguir os dados extraídos dos *Corpora*:

(01) Gosto e eu me sinto útil, porque ali eu sei por eh... um trabalhado entra na empresa, tá trabalhano ali e eu sei que quando ele **vai** pra casa, que ele passa da portaria, que tá saino bem, eu fiz uma meia parte ali, entendeu? Quando ele tá sob risco ali que eu falo “Não, tá dessa forma”. Dô um treinamento, passo uma palestra, que eu vejo que ele se conscientiza, eu me sinto importante naquela hora, podê prevenir e garantir a integridade física dele. (JLLS -PCVC)

(02) Mas eu não... não, assim, num sei, eu sei que eu vô pensá pequeno, eu tô pensano pequeno acho que eu num quero... eu só quero formá só. Num quero exercê alguma... assim, alguma... professora, professora, eu acho que professora ganha muito pôco, é assim, é muito desvalorizado o professô, né? Não todos, mas eu acho professô ganha muito pôco, pelo que eles faz, ganha muito pôco, eu acho que ganha muito pôco, pelo que ele faz pra guentá uma sala de diabin' igual eu vejo aí... eu não. Aí eu falo assim, depois eu volto atrás, mas se, se eu pensá assim, o futuro dos meus dos meus neto não **vai tê**professô. Mas aí **vai tê**ôtro pessoa que já **vai tê**ôtra cabeça que ININT ao contrário da minha, vai querê ser professô, aí vai ser mais um, mais um... Professora não, professora ganha muito pôco, e sofre muito, né? (ESP – PPVC)

(03) [...] eu terminei o livro detestando Capitu achando que Capitu traiu porque eu me deixei levá pelo narrador, né, por Bentinho só que aí *eh...* depois eu parei pra pensá ele [é]... **vai que** ele era loco **vai que** esse menino nem parecia com Escobar e tal então assim mostra... acaba mostrando depois de toda essa quest... [a separação] de Bentinho Capitu *eh...* eles mostram o término de Bentinho uma pessoa solitária por conta das perdas que ele teve por causa dessa obsessão de que Capitu traiu [INIT] livro que me encantou bastante (CBS – PCVC)

Na amostra (01), constatamos o uso da construção em seu sentido prototípico de deslocamento espacial; em (02), o verbo “ir” manifesta-se como uma auxiliar da perífrase, remetendo a um contexto temporal de futuridade; por outro lado, a construção *vai que*, em (03), desenvolve uma forte marca de modalidade, atuando como operador de possibilidade.

O uso da construção *vai que* corresponde a 0,15% dos dados. Contudo, embora esse percentual seja de baixa frequência e possa indicar que o *vai que* é uma expressão nova, já verificamos em pesquisas, como a de Andrade (2017), que o *vai que* é uma construção de alta frequência na modalidade escrita, liderando em número de ocorrências, oriundas da ferramenta de busca Google. Fagundes (2022), também, identificou alta frequência dessa construção no banco-base da Variação Linguística Urbana no Sul do Brasil (VARSUL) – Paraná. Fagundes (2002) também verificou, por meio de textos literários, que a construção *vai que* não se trata de um fenômeno instaurado recentemente.

Os dados (02) e (03), *vai ver* e *vai que*, constituem um só vocábulo fonético-fonológico, não podendo mais ser considerados como unida-

des autônomas. Na visão de Bybee (2020, p. 402), “em todos os níveis de organização, a repetição de cadeias de elementos leva-os a formar amálgamas na representação cognitiva. Os amálgamas são armazenados e acessados juntos”. E à medida que o amálgama (*chunk*) é constituído, a tendência é que ele sofra redução e fusão fonética interna.

Em (02) e (03), as construções *vai ver* e *vai que* podem ser classificadas como uma só unidade de expressão e sentido. São constituídas de significado apenas se tomadas em conjunto, representando uma cadeia sonora única e cada parte não é interpretada separadamente. Essa integração semântica e sintática entre os elementos, como *vai que*, revela uma indissociabilidade dos componentes na construção, não podendo ser encaixado nenhum item.

3.1.2. Aspectos morfossintáticos

Quando tratamos dos aspectos morfossintáticos, evidenciamos que, ao atuar como (01) item lexical ou (02) auxiliar, o “ir” está sujeito a flexão em modo, tempo, número, pessoa, voz e aspecto. Por outro lado, na construção *vai que*, o “ir” não sofre flexão verbal. Na amostra (02), ao associar-se a um verbo no infinitivo, o “ir” revela-se um auxiliar correspondente ao morfema de futuro simples e desbotamento (*bleached*) de carga semântica. Como comprovação, verifiquemos as seguintes ocorrências:

(04) E fui parir, quando eu cheguei lá eu conversei com médico, chorei um bocado, falei que eu tive mais um e que no caso já era o tercôro, né, aí ele “Não, cê tá muita nova e...”, e tinha ido com minha mãe, eu falei “Oh mainha a senhora fica aqui”, já tinha levado uma rôpa pra mim ficá, “que se o me..., que se o médico não operá eu vô ficá aqui.”, mainha falou “Não fia que Tião **vai tê** que vir aqui assiná”, que é o meu marido, né, “Tião tem que vim assiná”, eu falei “A senhora assina, que a senhora é minha mãe, melhó que mã... que mãe, melhó que marido é mãe!” (ESP – PPVC)

(05) Eu ach’ assim depende muit’ da criança mas eu acho que *eh...* elas se di... elas sempre vão encontrar a diversão em alguma coisa tanto as de hoje... claro! Eu ach’ que as de hoje ficam mais difíci’ encontrá diversão num carrinho que você... depende de você pa se movimentá, mas, assim, eu acho, acabam se adaptando por exemplo, também a gente não pode generalizar, porque meu pri... eu tenho um primo que ele... qualquer coisa um lápis vira avião na mão dele, ele vai e cria todo mundo mas nem todas crianças são iguais a ele então eu acho que **vai muito de** criança por criança (CBC – PCVC)

(06) Correto, ele aprende essa questão de... de valores, né? Ele dêxadevê... a... a... a relação de preço e passa a vê a relação de valô, né, entre as

coisas. **E por aí vai.** Então eu acho que, realmente muito válido que realmente as crianças comecem a trabalhar cedo sim. É claro, que seja... que haja uma divisão deste tipo de trabalho que não seja algo estafante, que a pesso... que a criança não conviva horas dentro daquele ambiente. Não. Mas que... que isso seja presente na vida da criança sim. (OSR – PCVC)

Nas sentenças (03), (05), (06), respectivamente, *vai que, vai muito de e por aí vai*, é notável a perda da base verbal flexional. Nessas construções, não existe possibilidade de flexão do verbo “ir”, mesmo com a substituição do sujeito. Sendo assim, compreendemos que os verbos se manifestam morfológicamente como forma fixa, na terceira pessoa do singular, no presente do indicativo. Isso nos mostra que o “ir”, nesses contextos, não apresenta identidade única, no que concerne à propriedade formal e função. Ou seja, vinculado a um termo adjacente, o “ir”, em determinados contextos, constitui-se como um bloco formal fechado, não admitindo variações gramaticais. Poderíamos, com isso, afirmar que há uma cristalização morfológica do termo “ir” nessas construções, em determinados contextos.

Ao atuar como item lexical no enunciado (01), o “ir” é predicador com relações sintáticas com outros membros da sentença, é um sintagma verbal (SN), com identidade fonético-fonológico, morfológica e sintática própria. Em enunciados como (03), (04), (05) e (06), o “ir” é um elemento secundário e não possui as mesmas relações sintáticas que (01). Ele não constitui um sintagma em si mesmo, assim sua função depende da relação sintagmática com os outros componentes da sentença.

Ao identificarmos a autonomia sintática das construções, podemos também considerar o grau de composicionalidade. Depreendemos dessas amostras que, quando o “ir” se apresenta como sintaticamente autônomo, pode ser considerado mais composicional. No entanto, em sentenças, como (03), (04), (05) e (06), a construção não é analisável em suas partes individuais, seu significado é depreendido do todo sintático. À vista disso, pode ser caracterizado como menos composicional.

De forma resumida, podemos afirmar que o “ir”, com seu termo adjacente, compõe um par forma-função. Sendo assim, ele afeta não apenas o nível da oração, mas todo conjunto informacional, estabelecendo vínculos sintáticos, semântico e discursivo-pragmático entre os elementos da sentença.

3.1.3. Aspecto semântico

Em nossa análise, reconhecemos que o “ir” é representado por sua natureza lexical e gramatical. Nas construções gramaticais, com em (07), o verbo fica desbotado de especificidade semântica, e o sentido é gerado devido à interpretação que a construção recebe do contexto. Nesse caso, a semântica do verbo principal é importante para o “ir”.

(07) sim porque no meu caso que estud' psicologia a gente **vai estudá** a mente das pessoas então é muito interessante descobrir comportamentos..os modo... por que as pessoas se comportam de determinada maneira.. o que leva pessoas a... a... as pessoas ficarem traumatizadas coisas que envolvem a mente no geral eu acho bem interessante eu acho bem importante a gente saber tê conhecimento sobre isso. (PGL – PCVC)

Em (07), *vai estudar*, o falante recruta o circunstanciador espacial “ir” (domínio-origem) para a representação do evento, voltado para projetar intenções futuras (domínio-alvo). De acordo com Andrade (2017, p. 85), “o deslocamento espacial é perspectivado tendo como figura seu ponto de chegada (que é, na verdade, objetivo principal do trajeto). Pensamos, então, que essa conceitualização, de base metonímica, favoreceu o estabelecimento da metáfora de “ir” como tempo futuro”. O conceito de contiguidade é instaurado quando o falante aproxima a noção de projeção para codificar intenção. Nesse contexto, é demonstrada a intenção do sujeito assumindo, assim, um valor também modal. Por meio de projeções metafóricas, o “ir” segue uma trajetória em que está vinculado ao sentido de deslocamento (concreto), passa para uma noção temporal (abstrata) até adquirir uma função como operador modal (mais abstrata), como notamos em (03).

Identificamos que motivações cognitivas licenciam o uso das construções com “ir”. Reconhecemos que esses processos de extensão semântica metafórica e metonímica, favorecidos por inferenciação pragmática, estão relacionados, respectivamente, com a analogia e reanálise. Então, as construções são neoanalisadas, e, a partir disso, são criadas novas configurações morfossintáticas e novos sentidos. Ademais, a frequência *Token* das formas perifrásticas com o “ir”, como observado em nossos *Corpora*, também contribui para o desbotamento ou generalização. Bybee (2020 [2015], p. 235), fazendo menção a Haiman (1994), evidencia que quando “um vocábulo ou sintagma é usado repetidamente, nós nos habituamos a ele, e ele perde algo do seu impacto”.

Testemunhamos que as construções com “ir” podem ser representadas em um *continuum*, formado por elementos centrais e periféricos, que se distanciam de seu sentido prototípico. Essas categorias se interco-

nectam por meio de relações associativas (por meio de extensão semântica metafórica e metonímica), formando uma rede taxonômica. [

4. Considerações finais

Com esta pesquisa, ratificamos que o contexto é um fator importante para a codificação dos sentidos, tanto lexicais quanto gramaticais. Junto a ele, a experiência biossocial do falante, as associações (metafóricas e metonímicas), frequência de uso dão conta de novos sentidos. “A língua é adquirida através da exposição a eventos reais de uso” (TRAUGOTT; TROUSDALLE, 2021 [2013], p. 100). Sob a ótica, constantemente surgem novos usos, visto que a língua é a mutável, não está pronta e acabada.

Podemos concluir a partir desta análise que os mecanismos de extensão metafórica e metonímica possibilitaram o uso mais abstrato das construções com “ir”; em alguns contextos, as construções formam um único bloco (*chunk*), em que o sentido apenas é apreendido do todo sintático. Por fim, podemos atestar a coexistência de diferentes funções das construções com “ir”: no mesmo período há desenvolvimento de funções mais objetivas, factuais e significados modais, subjetivas. Além disso, esclarecemos que em alguns contextos, essas construções servem como vínculos para conteúdos informacionais.

Esta pesquisa colabora com os estudos da Linguística Funcional Centrada no Uso, visto que legitima que os níveis da gramática não podem ser autônomos. Com ela, apresentamos, por meio de construções com o verbo “ir”, que a fonologia, a morfossintaxe, a semântica e os fatores discursivo-pragmáticos operam conjuntamente na interação comunicativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. A da S. *Construções gramaticais com ir no português brasileiro contemporâneo*. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2017. 118f.
- BYBEE, J. *Língua uso e cognição*. Trad. de Maria Angélica Furtado da Silva. Cortez: São Paulo: 2016.

_____. *Mudança Linguística*. Trad. de Marcos Bagno. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

CASTILHO, T. de. *A Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F.A. da C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*. Volume Especial, dez de 2016, p. 83. Rio de Janeiro.

FAGUNDES. E, D. A gramaticalização do verbo ir na construção de novas conjunções. In: MENON, O. P. da S., FAGUNDES. E, D. *Estudos sobre português no Sul do Brasil*. Curitiba-PR: EDUTFPR, 2022, p. 53-71

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antônio; CAZÁRIO, Maria Maura. *Linguística Funcional: teoria e prática*. Natal: EDUFRN, 2016.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.

SILVA, Milca C. E. *O uso do futuro perifrástico com verbo ir no português oral e escrito de Vitória da Conquista*. Dissertação (Mestrado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2015. 127p.